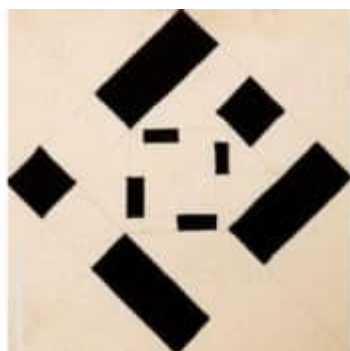


Ensaaios de filosofia ilustrada



Por **BENTO PRADO JR.***

Comentário sobre o livro de Rubens Rodrigues Torres Filho

Publicado, em sua primeira edição, em 1987, talvez somente agora estes *Ensaaios de Filosofia Ilustrada*, de Rubens Rodrigues Torres Filho, possam revelar toda sua finura e seu brilho. O imediatamente contemporâneo não se deixa ver de modo nítido: com o passar do tempo, certos maneirismos, alguns dogmas no fundo, um véu de ideologia dissolveram-se, tornando mais visível a originalidade destes escritos. Para entrar já no nosso assunto, não basta ler, é preciso reler – ou seja, ler a uma distância que devolva resistência ao escrito, de modo que a leitura não a dissolva em suas expectativas mais ou menos conscientes. É o que aprendi relendo este livro e aprendendo a lê-lo como se fora pela primeira vez.

Nem é outro – agora se torna claro – o tema do livro ou o fio condutor que atravessa todos os ensaios: a passagem constante, sempre em metamorfose, do escrever ao ler, do ler ao escrever. Uma hermenêutica? Talvez essa fosse uma boa palavra, se a filosofia do século XX não a tivesse impregnado de metafísica e de teologia. Filologia talvez fosse melhor, desde que não entendida em seu sentido técnico, desde que compreendida na sua osmose com filosofia: numa osmose que modifica o sentido escolar de ambas as palavras. O amor pelo *logos*, o cuidado com a escrita, a constante interrogação pelo significado da significação...

Não é por modéstia que o autor se situa a certa distância do filósofo. Não se pode entrar na filosofia sem distanciar-se um pouco dela, como é mais claro hoje do que na década de 1970, quando imperava, entre outras, a ideologia do estruturalismo ou outras que igualmente faziam da filosofia uma *Strenghe Wissenschaft*. É a própria univocidade da filosofia – sua identidade – que é colocada em questão já na primeira página do livro, início da belíssima conferência “O dia da caça”, a que tive o prazer de assistir (sentado, aliás, ao lado de Gérard Lebrun, que não podia conter, durante a audição, a expressão continuada de seu entusiasmo e de sua admiração). Entre a filosofia antiga, a medieval e a setecentista, com efeito, há abismos, e a figura do filósofo não é jamais a mesma. E nós, que estamos delas separadas pela filosofia crítica e pelo idealismo alemão, como podemos nós nos identificar? Como ajustar sobre nossos rostos a máscara do sábio? Ela necessariamente desliza e cai.

“Mexemos” com filosofia? Certamente não desejamos apenas ser professores, mas também não queremos ser filósofos profissionais, como está na moda. Que é essa estranha figura contemporânea – o técnico da filosofia – senão a réplica atual do filisteu, tal como a desenhou a crítica do século XIX? Já no século XVIII o sobrinho de Rameau punha em dificuldade o filósofo seguro de sua tarefa, revelando um mínimo de obscuridade no coração das Luzes triunfantes.

Mas é com Kant e Nietzsche – não se espante o leitor com essa inesperada conexão – que entramos em nossa atmosfera e descobrimos a raiz de nossa instabilidade, de nossa insegurança, mas também da nova figura, senão da verdade, da significação que nos envolve e emoldura. “*Vermöge eines Vermögens*”, apenas uma tautologia? Seria Kant o cômico personagem de Molière? Ao fim e ao cabo, através de Nietzsche (e, talvez, a despeito dele) Kant é recolocado, como é justo e necessário, para além da alternativa entre dogmatismo e ceticismo.

Mas, sobretudo, Kant é recolocado na história de maneira diferente da indicada nos manuais, que permite uma leitura original e seminal do idealismo e do romantismo alemães. E a inclusão do ensaio “Por que estudamos?”, que não estava presente na primeira edição do livro, nos ajuda a formular nossa pergunta principal, modificando levemente sua última frase, para aproximá-la mais do primeiro verso dos “Hinos à noite”: por que razão, ainda hoje (no início do século XXI),

“deverá sempre retornar o reino do Romantismo Alemão?”. Pois é nesse horizonte que emerge com toda sua força a questão: “Isso de ler e escrever”.

Questão lindamente examinada no cruzamento entre as filosofias de Fichte e Schelling, que se opõem simetricamente na descrição da leitura, como se opõem *finden* e *erfinden*, achar e inventar. É assim, voltando ao “Dia da caça”, que podemos encontrar a raiz filosófica das duas concepções inversas do que seja a leitura em duas idéias diferentes da essência da liberdade. No caso de Fichte, uma liberdade pura que permite instituir o saber em ruptura com o passado; em Schelling, uma liberdade que se completa na redescoberta e na reconciliação com o passado.

Duas relações diferentes com a história da filosofia que são duas relações diferentes com a linguagem. No caso de Fichte, o texto, em sua objetividade, se reduz (como será reduzido por Sartre) à materialidade dos signos que a liberdade do leitor precisa reanimar e dotar de significação. No caso de Schelling, o sentido do texto precede a leitura na imanência de uma linguagem por assim dizer pré-subjetiva (como a esfera da expressão precederá o *cogito* reflexivo para Merleau-Ponty).

Nem seria impossível fazer cruzar, de maneira produtiva, essa hermenêutica sem metafísica e sem teologia (ou essa filologosofia) com a contemporânea filosofia da linguagem. Uma abordagem da linguagem despida de qualquer ambição reducionista ou fundacionista, cujo método se resume ao imperativo wittgensteiniano de “ler devagar” para poder (nada mais) descrever o “estilo” da produção da significação.

É assim, caro leitor, que, com o livro de Rubens Rodrigues Torres Filho, dispomos de uma entrada privilegiada para o universo da filosofia, livre dos preconceitos da escola e da ideologia, a abertura de uma via que, multiplicando os paradoxos para melhor dissolvê-los, pode talvez permitir-nos voltar a ler, a escrever e a respirar livremente.

***Bento Prado Jr.** (1937-2007) foi professor titular de filosofia na Universidade Federal de São Carlos. Autor, entre outros livros, de *Alguns ensaios* (Paz e Terra).

Publicado originalmente no jornal *Folha S Paulo*, caderno “mais!”, em 11 de julho de 2004.

Referência

Rubens Rodrigues Torres Filho. *Ensaio de Filosofia Ilustrada*. São Paulo, Iluminuras, 2004, 192 págs.